



Práticas, percepções docentes e democratização do ensino de francês: glotopolítica(s) para o reconhecimento do aluno periférico

Gilberto Ferreira de Souza

Universidade Federal Fluminense, Niterói (RJ), Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0560-739X>

E-mail: gibadesouza@gmail.com

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar nossa pesquisa de doutorado em andamento, que propõe voltar-se às práticas e às percepções docentes com vistas a reconhecer e a valorizar o público considerado periférico, com o desafio de reinventar o ensino de francês em escolas públicas. Logo, visto que as línguas estrangeiras, sobretudo o francês, têm sido implementadas e estudadas em contextos socialmente elitizados, uma pergunta nos interessa: quais seriam as estratégias de ensino de língua estrangeira em contexto popular? Objetivamos, também, investigar perspectivas mais democratizantes para o ensino da língua francesa em duas escolas municipais: a Escola Municipal Anísio Teixeira, em Niterói, e a Escola Municipal Nice Mendonça de Souza e Silva, em São Gonçalo. Logo, a fim de discutir os letramentos e percepções docentes de adaptação do ensino de francês, para reconhecer e valorizar esse público, bem como refletir sobre a implantação dos projetos aqui analisados, compartilharemos as concepções em Política Linguística (CALVET, 1997), Glotopolítica (GUESPIN, MARCELLESI, 1986), assim como os conceitos de Transperiferia (WINDLE et al., 2020), e os novos estudos de Letramento (MATTOS, VALÉRIO, 2010; SOUZA, 2011). Os resultados parciais nos indicam a relevância desses projetos para o fomento às práticas de reconhecimento do aluno periférico, para a reformulação e a democratização do ensino de francês nas escolas públicas, e para a valorização do ensino plurilíngue nessas instituições.

PALAVRAS-CHAVE: Glotopolítica; Letramento; Ensino de francês; Ensino bi/plurilíngue.



Practices, teaching perceptions and democratization of French teaching: glotopolitic(s) for peripheral student

ABSTRACT

This work aims to present our doctoral research in progress, which proposes to return to teaching practices and perceptions to recognize and value the public considered peripheral, with the challenge of reinventing the teaching of French in public schools. Since foreign languages, especially French, have been implemented and studied in socially elite contexts, a question interests us: What would be the foreign language teaching strategies in a popular context? We also investigate more democratizing perspectives for teaching French language in two municipal schools: the Municipal School Anísio Teixeira, in Niterói, and the Municipal School Nice Mendonça de Souza e Silva, in São Gonçalo. Therefore, to discuss literacies and teaching perceptions of adaptation of French teaching to recognize and value this public, as well as reflect on the implementation of the projects analyzed here, we will share the concepts in Linguistic Policy (CALVET, 1997), Glotopolitics (GUESPIN, MARCELLESI, 1986), as well as the concepts of Transperiphery (WINDLE et al., 2020), and the new Literacy studies (MATTOS, VALÉRIO, 2010; SOUZA, 2011). The partial results indicate the relevance of these projects for promoting peripheral student recognition practices, reforming and democratizing French teaching in public schools, and valorizing multilingual teaching in these institutions.

KEYWORDS: Glotopolitics; Literacy; Teaching French; Bi/plurilingual teaching.

1. Introdução

Em 2014, quando foi implantado o projeto de ensino de línguas estrangeiras para crianças, doravante LEC, no município de Niterói, este pesquisador não tinha a dimensão de todos os desdobramentos que esta política linguística atravessaria até chegar aos dias atuais, junho de 2023. Enquanto professor de francês do referido projeto, oportunidade que se deu de 2014 a 2016, isto é, período referente aos 3 anos de duração da contratação, lançávamo-nos, os outros 9 professores da língua e eu, frente aos múltiplos desafios que se apresentam em decorrência da dificuldade de lecionar para os primeiros anos do ensino fundamental.

A primeira adversidade se apresentava em decorrência da desconfiança dos próprios colegas sobre o porquê de ensinar francês a crianças tão jovens, que não eram alfabetizadas ou acabavam de se alfabetizar na sua própria língua materna. Porém, nada mais inapropriado e hostil do que a fala: “se não sabem nem mesmo português, por que aprendem francês?”; sentença que denota um agudo preconceito linguístico e social, mesmo por parte de profissionais do campo educacional.

Sob outra perspectiva, algumas tensões estavam atreladas à questão do comportamento dos alunos. Não era tarefa fácil administrar em média 30 alunos em uma mesma sala de aula, e as dificuldades provenientes da reação violenta de alguns deles. Esse fato pode ser parcialmente explicado, se considerarmos que a maioria desses discentes pertencem a comunidades carentes dominadas pelo narcotráfico e que, por esse motivo, convivem cotidianamente com a acen-tuada violência presente nessas regiões periféricas. À guisa de exemplo, a Escola Municipal Anísio Teixeira¹, unidade em que atuamos por 3 anos, foi implantada para atender as crianças

¹ É importante destacar que as escolas participantes do estudo autorizaram a pesquisa, o que foi igualmente submetido à avaliação e autorização do Comitê de Ética em Pesquisa.

provenientes das comunidades que estão em seu entorno, como o morro do Palácio, o morro do Estado, o morro do Preventório, entre outras comunidades.

Outrossim, é válido observar que o ensino de línguas para crianças antes do 6º ano do ensino fundamental não está previsto pela Lei 9.394/96, também conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação e, por isso, há uma carência com relação à regulamentação e a orientações oficiais relativas a esse ensino, o que torna o desafio do professor de línguas para a referida faixa etária ainda maior.

Se por um lado as tensões e os desafios, acima relatados, levaram-nos à pesquisa de mestrado sobre o projeto político linguístico de ensino do LEC, em Niterói, atualmente, no doutorado, este pesquisador se debruça sobre outra perspectiva. A proposta do nosso trabalho, agora, justifica-se pela necessidade de analisar práticas de ensino da língua francesa adaptadas a um público que pode ser classificado como periférico.

A propósito, os objetivos estabelecidos para nossa tese compreendem a análise de perspectivas e práticas de ensino de francês que permitam reconhecer e valorizar esse público, o entendimento das percepções docentes de adaptação do ensino de francês nesse contexto de escolas públicas de bairro, além da reflexão sobre as representações e os múltiplos sentidos compreendidos, para o ensino de francês, nas duas escolas municipais pesquisadas (a Anísio Teixeira, em Niterói, e a Nice Mendonça de Souza e Silva, em São Gonçalo), como *ensino bilíngue, centro-periferia, humanismo e democratização*. O fomento ao fortalecimento do ensino plurilíngue na escola pública circunscreve-se igualmente como um importante objetivo para a referida pesquisa.

No âmbito do ensino de línguas no Brasil, são escassas as propostas de ensino de francês para a escola pública. Além disso, são poucos os estudos que contemplam a especificidade desse público popular, oriundo, em grande parte, dos bairros mais desfavorecidos dos grandes centros urbanos, como é o caso dos programas aqui investigados, a saber, as já citadas Escola Municipal Anísio Teixeira, em Niterói, e a Escola Municipal Nice Mendonça de Souza e Silva, em São Gonçalo, ambas pertencentes ao projeto das escolas bilíngues, estabelecido no ano de 2018.

Consequentemente, neste capítulo, apresentamos nossa pesquisa de tese que também tem, como já dissemos, o objetivo de entender as práticas e percepções docentes de adaptação do ensino de francês em contexto popular, não somente nas unidades por nós investigadas, mas igualmente no contexto da escola pública em geral, o que é importante para democratizar o acesso e o aproveitamento desse acesso ao francês nessas instituições. Portanto, as reflexões sobre as noções de *transperiferia*, de *glotopolítica* e de *democratização* do ensino de francês nos conduzem à questão central de nossa pesquisa: Como propor um ensino de francês menos elitizado e mais democrático nas referidas instituições públicas de ensino, que possa valorizar e reconhecer o aluno periférico?

Inicialmente, analisaremos práticas relatadas em publicações referentes a ações desenvolvidas em escolas bilíngues e, posteriormente, na tese, nas entrevistas com os participantes da pesquisa (professores, gestores e o representante do Consulado da França), as práticas, as percepções docentes e as representações sobre o ensino de francês nas duas escolas investigadas



que, em parceria com o Consulado Francês, se esforçam para implantar a abordagem bilíngue. Além disso, analisaremos, igualmente, algumas práticas e letramentos desenvolvidos por este pesquisador, enquanto professor de francês no projeto de ensino de línguas estrangeiras para crianças, no ano de 2014, em uma escola municipal de Niterói, o que se dará à luz das teorias abordadas nas seções a seguir.

2. As políticas linguísticas para o ensino de francês em Niterói e São Gonçalo

Para este trabalho, mobilizaremos concepções que compreendem conceitos presentes na esfera da Política Linguística e dos novos estudos de Letramento, e contribuem para uma compreensão mais abrangente de como constituíram-se os projetos das escolas bilíngues em Niterói e São Gonçalo e, conseqüentemente, para refletir e propor um ensino de francês que reconheça e valorize esse público que pode ser considerado periférico.

Notadas como intervenções de poder, as políticas linguísticas são as ações governamentais que, ao promoverem sua ingerência na sociedade, as realizam por meio de ações *in vitro* e *in vivo*. O planejamento, por sua vez, designa a passagem à ação, formando um binômio importante para a compreensão das ações empreendidas nessa esfera de políticas (CALVET, 2007, p. 68).

Assim sendo, começamos esta verificação por Niterói, município do estado do Rio de Janeiro. Em 2014, uma relevante política linguística se destaca, ao implantar os ensinamentos de espanhol, francês e inglês, em nove escolas municipais da cidade, para os anos iniciais do ensino fundamental. Visto que o ensino de línguas na faixa etária em questão não era estipulado pela LDB 9.394/96, isto é, antes do sexto ano do Fundamental, o projeto de ensino de línguas estrangeiras para crianças, idealizado pelo professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF), Waldeck Carneiro, apresenta-se como grande novidade, dado que essa modalidade de ensino de línguas é recente no Brasil. A iniciativa, que fomenta a oferta de ensino de línguas estrangeiras para crianças, também se evidencia por contemplar alunos oriundos de periferia urbana, portanto, socioeconomicamente vulneráveis.

Ter vivenciado o projeto como professor de francês e, conseqüentemente, ter experimentado as tensões, desafios, superações e triunfos dessa importante política linguística, nos traz, por outro lado, grande aflição, tendo em conta as incoerentes políticas governamentais que, nos últimos anos, acometeram a escola pública, privando os discentes mais vulneráveis de práticas e bens culturais indispensáveis à sua formação cidadã, como uma apropriada e bem planejada educação plurilíngue.

A Lei 13.415/2017, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de inglês, apresenta-se como um contratempo para os projetos que fomentam a pluralidade linguística na escola pública, como para o projeto aqui investigado. Na contramão da despropositada lei federal, uma outra política de promoção do ensino de francês se destaca no município de São Gonçalo, no estado do Rio de Janeiro. Do centro para a periferia, a Escola Municipal Nice Mendonça de Souza e Silva, em São Gonçalo, integra igualmente nossa pesquisa. A unidade, em companhia da Escola

Municipal Anísio Teixeira e da Escola Municipal Professora Didia Machado Fortes, na Barra da Tijuca, compõe o projeto das três escolas que adotaram o ensino bilíngue, com intervenção do Consulado Francês.

A escola Nice Mendonça, oficialmente inaugurada em junho de 2019, torna-se a primeira escola no município de São Gonçalo a implantar o ensino bilíngue de francês. Situada no Bairro da Venda da Cruz, dentro do condomínio do projeto “Minha Casa, Minha Vida” (MCMV), a escola foi construída para atender, inicialmente, os moradores da comunidade do Morro do Bumba, assolados pelo desabamento ocorrido em abril de 2010. Hoje, após treze anos, a escola contempla, além dos moradores do referido condomínio, alunos provenientes do entorno periférico, como o Morro do Martins, comunidade refém do narcotráfico.

A escola municipal Didia Machado Fortes também foi uma das escolas a adotar o ensino bilíngue de francês. Mesmo situando-se em uma região prestigiada do Rio de Janeiro, a unidade constitui-se, em boa parte, de alunos socioeconomicamente desfavorecidos. Apesar disso, por uma questão de proximidade e vínculo com as escolas de Niterói e São Gonçalo, o presente trabalho não compreende o projeto da escola bilíngue da Barra que, inclusive, envolve outras ações e atores glotopolíticos.

Aliás, dado que uma das ações pretendidas para este trabalho é o chamado à valorização e à manutenção do ensino plurilíngue nas escolas municipais de Niterói e São Gonçalo, recorreremos a outros necessários conceitos presentes nos estudos de Políticas Linguísticas: a Glotopolítica (LAGARES, 2018; GUESPIN, MARCELLESI, 1986) e a Avaliação de políticas linguísticas (COOPER, 1997).

A respeito da Glotopolítica, em 1986, a revista *Langages* dedica seu número a essa abordagem. Ela surge com Guespin e Marcellesi, dois linguistas da periferia francesa. Conforme os autores, essa perspectiva designa “as diversas abordagens que uma sociedade faz da ação sobre a linguagem, tenha ela ou não consciência disso” (GUESPIN, MARCELLESI, 1986, p. 5). Guespin e Marcellesi reiteram que [...] “toda decisão que modifica as relações sociais é, do ponto de vista do linguista, uma decisão glotopolítica” (GUESPIN, MARCELLESI, 1986, p. 15).

Na pesquisa empreendida em nosso mestrado, defendida no ano de 2019, sobre o projeto de ensino do LEC, em Niterói, apontamos diferentes ações glotopolíticas que ali insidiam. Aliás, uma perspectiva aponta para uma decisão autoritária referente à implantação da referida política. Como não teria ocorrido uma consulta à sociedade, essa decisão, como indica Calvet (2007), configuraria uma ação *in vitro*.

No entanto, em entrevista² com o principal agente responsável pela implantação do projeto de ensino de LEC em Niterói, Waldeck Carneiro, uma outra perspectiva glotopolítica manifestou-se, dado que nos levou a registrar que:

O surgimento do projeto político-linguístico, em Niterói, resultou de uma série de acontecimentos até a sua efetiva implantação. PEP aponta que, inicialmente, em 2005, a sua intenção, enquanto

² Entrevista realizada no ano de 2018, para nossa pesquisa de mestrado, sobre a política linguística de ensino do LEC nas escolas municipais de Niterói. Na ocasião, as entrevistas aconteceram somente após a avaliação e autorização do Comitê de Ética em Pesquisa.

secretário de educação, e a do prefeito de Niterói na ocasião, Godofredo Pinto, era “jogar mais peso na formação geral dos alunos [...]” de “ampliar o repertório cultural dos alunos”, e “ter a capacidade de aprofundar valores altruístas, humanistas, capacidade de percepção estética, enfim, não é apenas um lugar para [...] aprender os conteúdos que compõem o currículo, embora isso seja muito importante também”, afirma PEP. Dessa maneira, o participante declara que determinadas áreas de formação, como “a língua estrangeira, a educação física, as artes não precisavam ficar restritas ao segundo seguimento” (SOUZA, 2019, p. 77).

Além disso, ao indagarmos sobre as motivações da implantação dessa política linguística e a importância da inserção de línguas estrangeiras/adicionais para as crianças nas escolas niteroienses, Waldeck Carneiro aponta que:

[...] diante da difícil realidade socioeconômica dessas crianças e de suas famílias, que vivem frequentemente em situação de desigualdade face as crianças mais abastadas, é necessário garantir oportunidades, abrir a visão do aluno para outras realidades, outras línguas e culturas, ampliando, assim, seu repertório cultural (SOUZA, 2019, p. 79).

Lançando mão da mesma concepção, em São Gonçalo, o projeto das escolas bilíngues teria partido da iniciativa de um agente glotopolítico³, isto é, de uma professora de francês que integra a Escola Municipal Nice Mendonça de Souza e Silva, unidade oficialmente inaugurada em junho de 2019, e que propõe o ensino da língua francesa, também para os anos iniciais do Fundamental.

Conforme a difusão de comunicados pela secretaria de educação da cidade, a expectativa envolvendo a implantação dessa política linguística estaria voltada para uma preparação dos alunos ao mercado de trabalho, o que sugere uma concepção economicista da educação por parte dos gestores educacionais da cidade gonçalense.

O trecho a seguir concerne à veiculação de uma notícia divulgada pelo *site* da prefeitura de São Gonçalo, a respeito de um projeto piloto de escola bilíngue pretendido para a Escola Municipal Ernani Faria, em parceria com o Consulado Geral da França, o que reforça a relação entre aprendizagem de língua estrangeira e mercado de trabalho:

Aulas de francês na rede municipal – Os alunos do Colégio Municipal Ernani Faria, em São Gonçalo, começaram a ter aulas de francês. A iniciativa é fruto de uma parceria entre a secretaria municipal de Educação e o Consulado Geral da França. Além de aprenderem uma nova língua, o objetivo da parceria é garantir aos estudantes emprego nas cerca de 30 empresas estrangeiras que irão se instalar junto ao Comperj [...].⁴

Segundo o filósofo húngaro Mészáros (2008), a educação deve preparar o aluno para a vida, e não somente para o mercado, uma vez que ela não é uma mercadoria. Segundo o autor, é preciso

³ Agentes glotopolíticos: aqueles que fazem política com sua ação pedagógica, gestora, implementando ações que modificam as relações sociais, englobando igualmente todos os fatos de linguagem que a sociedade, através de sua ação, reveste a forma do político.

⁴ Prefeitura de São Gonçalo. Disponível em: <http://www.pmsg.rj.gov.br/educacao/noticias_simples.php?cod=4428, 2016>.

pensar a sociedade pelo viés humano e, assim, fugir da lógica desumanizadora do capital, que vê no lucro, no individualismo e na competitividade, sua motivação.

Outrossim, acreditamos igualmente na importância de refletir mais detidamente sobre ambos os projetos glotopolíticos; o da Escola Municipal Anísio Teixeira, em Niterói, e o da Escola Municipal Nice Mendonça de Souza e Silva, em São Gonçalo. Para tal, com o escopo de avaliar uma determinada política linguística, Cooper (1997) apresenta questões relevantes para a compreensão de como se dá a sua implementação.

Dessa forma, o autor preconiza diferentes maneiras para solucionar, em âmbito macro e micro, problemas de natureza político-linguística. Ele anuncia que os indicadores descritivos usados pelo planejamento linguístico consideram as seguintes questões: ‘o que’ se implementa, ‘quem’ implementa e ‘para quem’ se implementa; além dos itens ‘quando’, ‘onde’, ‘por que’, ‘como’, ‘com que condições’ e ‘com que efeitos’. Pressupõe-se, a partir daí, que tais enfoques compreendem a política e o planejamento linguístico.

Ao lançar mão dessas perguntas como modelo, deve-se averiguar as relações desenvolvidas entre aqueles que elaboram a política e a comunidade em que a política será adotada, uma vez que Cooper (1997) também questiona a relevância em saber quem sai beneficiado do planejamento e sobre qual aspecto da realidade social ele acaba promovendo uma verdadeira mudança. Consequentemente, atendendo ao escopo do presente trabalho, delineia-se a proposta de ensino de francês abordado de modo mais crítico e democrático, que possa reconhecer e valorizar a especificidade desse público que tem, na periferia urbana, sua trajetória de vida, de reexistências e de enfrentamentos.

Considerando a importância em propor uma análise mais detalhada da política linguística das escolas bilíngues, em Niterói e São Gonçalo, evocamos os conceitos de avaliação e planificação, presentes em Cooper (1997), a fim de compartilhar alguns dados preliminares, obtidos até o momento, no Quadro 1.

QUADRO 1. Estudo da política linguística das escolas bilíngues em Niterói e São Gonçalo

QUESTÕES	NITERÓI	SÃO GONÇALO
O que implementa?	O ensino de francês para os primeiros anos do ensino fundamental – abordagem “bilíngue”. 1h40 de aula por semana Futuramente: oferta de 5 tempos de ensino de/em língua francesa. Aulas de 50 minutos cada.	O ensino de francês para os primeiros anos do ensino fundamental – abordagem: ensino de LEC. 1h40 de aula por semana A oferta de 5 tempos de ensino de/em língua francesa (abordagem bilíngue) foi cancelada. ⁵ Aulas de 50 minutos cada.

(continua)

⁵ Segundo a gestão da Escola Municipal Nice Mendonça de Souza e Silva, em São Gonçalo, com a implantação desse projeto, a escola e funcionários se deram conta de que o ensino bilíngue seria inviável. Para a gestão, para ser uma escola bilíngue, seria necessário que todos os funcionários: professores, merendeiras, porteiros falassem francês. Logo, diante desses desafios, a implantação dessa abordagem foi (momentaneamente) cancelada, o que impede o aumento da carga horária de cinco aulas por semana.

(continuação)

QUESTÕES	NITERÓI	SÃO GONÇALO
Quem implementa?	FME – Fundação Municipal de Educação de Niterói.	SME – Secretaria Municipal de Educação de São Gonçalo.
Para quem implementa?	Aproximadamente 180 alunos do 1º ao 5º ano do EF.	300 alunos (11 turmas) do 1º ao 5º ano do EF.
Quando implementa?	LEC – 2014 / Escola bilíngue – 2019.	A escola começa suas atividades em 2018. Escola bilíngue (assinatura do convênio com a Embaixada da França e o município de São Gonçalo – 18/06/2019).
Onde implementa?	Escola Municipal Anísio Teixeira.	Escola Municipal Nice Mendonça de Souza e Silva.
Por que implementa?	Ampliação do repertório cultural dos alunos, acesso aos saberes, aos bens culturais, qualificação do currículo. Compromisso firmado pelo ex-Secretário de Educação, Prof.º Waldeck Carneiro.	Melhor preparação dos alunos para o mercado de trabalho. Conforme publicado pelo <i>site</i> da prefeitura de São Gonçalo.
Como implementa?	Escolha pela escola de referência do município (Anísio Teixeira) pela FME, em parceria com o Consulado Geral da França.	O projeto glotopolítico teria sido elaborado por uma professora de francês da escola Nice Mendonça. A implantação teria se efetivado pela parceria entre a SME-SG e o Consulado Geral da França.
Com que condições implementa?	Adoção do projeto das escolas bilíngues, após três anos do projeto de ensino de LEC, na unidade.	Primeira escola pública do município de SG a adotar a abordagem bilíngue para os anos iniciais do EF.
Com que efeitos implanta?	Os resultados do projeto ainda não foram analisados.	Os resultados do projeto ainda não foram analisados.

Fonte: Elaborado pelo autor. Informações de acordo com dados preliminares fornecidos por profissionais de ambos os projetos.

A partir do Quadro 1, observa-se que as concepções vinculadas à Política Linguística oferecem grande contribuição para a análise dos projetos aqui investigados. Esse aporte é indispensável, se considerarmos a importância da compreensão do motivo pelo qual optou-se pela modalidade de ensino bilíngue nas duas escolas em questão.

A seguir, apresentaremos algumas estratégias de ensino de língua estrangeira em contexto popular, visando a entender as práticas e as percepções docentes de adaptação do ensino de francês, para reconhecer e valorizar o aluno periférico, medida importante com o intuito de democratizar o acesso e o aproveitamento da língua francesa na escola pública.

3. Práticas e letramentos para a valorização do aluno periférico: por um ensino de francês mais democrático

Tendo em vista que geralmente os cursos regulares de ensino de idiomas e as escolas particulares lançam mão de métodos e de abordagens baseadas em modelos eurocêntricos e hegemônicos, e que essa prática se multiplica no contexto das escolas públicas, nossa pesquisa de doutorado visa a justamente refletir sobre caminhos mais democratizantes para o ensino de francês.

Aliás, salientamos que, para o projeto de ensino de LEC, o livro adotado estava distante da realidade dos alunos. Visto que a maioria era negra e socioeconomicamente desfavorecida, eles não se reconheciam nos personagens embranquecidos e europeizados do referido método. Portanto, a fim de que essa prática não esteja alheia ao contexto local do público periférico, investigamos algumas práticas que se aproximavam da proposta de nossa pesquisa. Além disso, valer-nos-emos igualmente de nossa própria experiência enquanto professor no projeto de LEC, e apresentaremos, a seguir, os letramentos que integraram nossas aulas de francês, na escola Anísio Teixeira, que se deram de 2014 a 2016.

Antes de apresentarmos algumas práticas para o ensino de francês analisadas em nosso trabalho, é imprescindível identificar os letramentos sobre os quais elas se fundamentam. Como vimos na seção anterior, as políticas linguísticas caracterizam-se por agirem de cima para baixo. Por seu turno, os novos letramentos circunscrevem-se na contestação de perspectivas hegemônicas historicamente estabelecidas, portanto, agindo de baixo para cima. No âmbito das teorias decoloniais, algumas perspectivas manifestam-se como caminhos contra-hegemônicos, socialmente engajados, ao concebermos sua relevância no que concerne à contestação de desigualdades no contexto dos espaços e posicionalidades marginais, tal qual preconiza o conceito de transperiferia (WINDLE et al., 2020).

Podemos mencionar, igualmente, outros dois letramentos que auxiliaram no ensino de LEC, em Niterói: o letramento de reexistência que, no trabalho de Souza (2011), compreende o universo *hip hop*, e propõe uma reflexão crítica às desigualdades sociais por meio da poesia, das leituras, dos gestos, das falas, escritas e imagens; e o letramento crítico de Mattos e Valério (2010), inspirado na pedagogia crítica de Paulo Freire (1974).

Ademais, os letramentos de reexistência são marcados por estratégias subversivas que conduzem o indivíduo negro e periférico a superar tanto as dificuldades atreladas à busca por uma educação emancipadora quanto a desigualdade de sua inserção na escola. Já o letramento crítico, marcado por sustentar-se em valores revolucionários, apresenta-se em posição inversa à vocação mercadológica, considerando perspectivas como a metodologia comunicativa e o ensino bilíngue, amplamente empregadas nos dias atuais. Além disso, essa abordagem crítica também se configura por perceber o texto como um produto de forças ideológicas e sociopolíticas (MATTOS; VALÉRIO, 2010). O *hip hop*, movimento cultural pertencente ao público pobre e negro das periferias, destaca-se por produzir um discurso de orientações e denúncias. Na experiência junto à escola Anísio Teixeira, o *hip hop*, a música francófona e o *funk* enriqueceram nosso trabalho com a língua francesa, o que corrobora as ações e as



perspectivas democratizantes, críticas, transperiféricas e glotopolíticas empreendidas nesse contexto. A partir desses gêneros musicais, nossos discentes puderam expressar seus anseios e habilidades, além de validar essa prática, incorporando-a ao ensino da língua estrangeira. Por intermédio da música, os conhecimentos em francês, os letramentos e as culturas francófonas traziam satisfação e esperança para resistirmos e reexistirmos face ao impetuoso e violento cotidiano periférico.

É pertinente informar que o letramento com o *funk* e o *hip hop* não surgiu por acaso. Em 2015, ano seguinte à implantação da política linguística de ensino de LEC, tínhamos a impressão de que as “*comptines*”⁶ do método adotado não surtiam mais o efeito esperado em sala de aula. Porém, naquele mesmo ano, três alunos nos propuseram criar *funk* e *hip hop* em francês. A partir desse momento, somados à música de Stromae, célebre cantor francófono da atualidade, os ritmos musicais recorrentes nas favelas e nas periferias cariocas foram um grande estímulo para seguirmos motivados até 2016, ano final de nossa passagem pelo projeto.

A propósito, para o levantamento de dados em nossa pesquisa de tese, recorreremos, além das entrevistas que serão realizadas com os sujeitos participantes dos projetos investigados, à revisão bibliográfica que se inicia com a publicação do livro organizado pelas professoras Del Carmen Daher, Telma Pereira e Mônica Savedra, do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (GLE), da Universidade Federal Fluminense. Com o título *O ensino plurilíngue na escola pública: desafios em tempos de globalização* (2020), o trabalho anuncia a importância de tal modalidade de ensino para a escola pública. Para este capítulo, portanto, visto que a análise das entrevistas para a tese ainda se encontra em uma etapa inicial de elaboração, selecionamos, na referida revisão, duas práticas que nos interessam, uma vez que apresentam propostas similares àquelas que acreditamos encontrar nas entrevistas com os participantes de pesquisa, e atendem ao escopo de nossa tese: valorizar o aluno periférico por meio de letramentos para o ensino de francês que contemplem suas realidades e interesses.

Por uma questão de semelhança às nossas vivências na escola Anísio Teixeira, começamos com o trabalho de Josué de Souza, professor de alemão para crianças na Secretaria de Educação do Rio de Janeiro (SME), em uma escola municipal periférica. Conforme nos relata o autor, em seu capítulo intitulado “O ensino de alemão na rede municipal do Rio de Janeiro: ações, desafios, descobertas e soluções”, a escola está inserida em uma região socioeconomicamente vulnerável, de modo que grande parte dos estudantes não têm outro espaço de lazer, de alimentação, de cuidados emocionais e pessoais, senão a própria escola. O autor também trata da importância da formação crítica do professor sobre a realidade na qual está inserido, o que o possibilita promover a inserção do aluno e sua formação cidadã.

Souza (2020) narra uma experiência em que percebe o letramento crítico em suas práticas. Ao lançar mão da temática do *Halloween*, e valendo-se do trabalho com as partes do corpo humano, ele solicitou que cada aluno desenhasse um monstro de sua preferência. Porém, inesperadamente uma questão surgiu: um de seus alunos o questionou a respeito da possibilidade de pintar o seu monstro com o lápis “cor de pele”, ao passo que uma outra aluna, que é

⁶ Como são chamadas as músicas infantis na França.

negra, respondeu: “– Mas de que pele você está falando? – *Ich bin braun! Das ist mein Haut!* A tradução para o português é: Eu sou marrom (negra)! Essa é a minha pele!” (SOUZA, 2020, p. 210).

Conforme Souza (2020), o menino assentiu, olhando para a sala e constatando a diversidade. O autor, por sua vez, orgulhou-se por perceber que a situação se solucionou sem contenda, e que todos haviam aprendido. Ademais, a reflexão sobre a capacidade da criança em fazer uma leitura crítica da situação, utilizando a língua alemã como condutor de seu pensamento, surpreendeu o autor, além de lhe confirmar as perspectivas críticas sobre as quais se respaldou.

Souza (2020) nos leva a destacar uma curiosa equivalência com nossa experiência. Segundo o autor, alguns alunos que apresentavam dificuldade e desinteresse no aprendizado da língua estrangeira passaram a reproduzir frases na língua alemã por meio do *funk*. Com frases emprestadas do cotidiano da sala de aula, como pedir para beber água, dizer a hora do almoço, ir ao banheiro e que gosta de aprender alemão, entre outras, os discentes cantavam conforme o ritmo presente na cultura local (SOUZA, 2020, p. 210), o que denota claramente a empreitada do referido professor em não negligenciar o contexto local do aluno periférico.

No mesmo livro, Victor Ribeiro, atual professor de francês na escola na qual este pesquisador foi professor, a Anísio Teixeira, apresenta seu trabalho, intitulado “*De Super-normal à super-héros: pedagogia de projetos e motivação discente*”⁷. Nesse texto, o autor propõe uma reflexão sobre três perspectivas: a da motivação dos alunos inseridos no projeto de ensino de línguas adicionais nos primeiros anos do Fundamental, a perspectiva da escola integral e a perspectiva da pedagogia de projetos. O projeto aborda as diferentes etapas que integram uma experiência curricular desenvolvida numa turma de terceiro ano do Fundamental. A proposta se notabiliza pela escolha do conteúdo trabalhado, o que se dá pela decisão dos próprios alunos da turma, de acordo com seus interesses. Essa característica da pedagogia de projetos, que eleva o educando à condição de protagonista, transporta-nos mais uma vez à experiência no projeto de LEC, em que a decisão de trabalhar o *funk* e o *hip hop* partiu dos alunos da escola.

Em vista disso, ao considerar o trabalho a partir da motivação do aluno, Ribeiro (2020) sugeriu aos alunos um projeto inicial. Para tanto, o tema escolhido foi os super-heróis. Em consequência, os alunos estariam livres para decidir quais conteúdos lexicais seriam trabalhados para a realização do referido projeto.

Ao final de seu texto, Ribeiro (2020) relata como colocou em prática o projeto concernente ao tema “super-heróis” e seus “superpoderes”. O autor apresentou a canção, “*Super-pouvoirs pourris*”, do cantor francês Aldebert. A atividade se desenvolveu por meio da identificação de palavras relativamente transparentes ao contexto imagético, e um desfile baseado no vestiário dos super-heróis (capa, luvas, máscaras etc.) e dos supernormais da escola – (*maillot* (uniforme)), *t-shirts*, *jupes*, *pantalons*, e *chaussures*⁸ de verdade –, como descreve o autor.

⁷ “De Super-normal a super-herói: pedagogia de projetos e motivação discente”. Tradução nossa.

⁸ Camisas, saias, calças e sapatos. Tradução nossa.

Considerações finais

No presente capítulo, apresentamos as ações glotopolíticas de incentivo ao plurilinguismo na escola pública, bem como as práticas para um ensino de francês mais democrático nessas instituições. Aliás, vimos que a glotopolítica é definida por Guespin e Marcellesi (1986) como toda e qualquer abordagem sobre a linguagem que esteja implicada uma dimensão política. Da mesma maneira, lançamos mão de alguns conceitos de letramentos, como o de reexistência (SOUZA, 2011). No Brasil, essas perspectivas marcam uma maneira de pensar o pluralismo e a difusão de conhecimento de forma mais situada, isto é, nos movimentos entre centro-periferia e entre periferia-periferia.

Ao mesmo tempo, identifica-se, no trabalho dos colegas, estratégias mais socialmente situadas no reconhecimento de um público periférico nas escolas, o que caracteriza a relevância deste trabalho, que trata de nossa pesquisa de tese, ao propor formas de democratizar o acesso e o aproveitamento desse acesso ao francês na escola pública.

Como proposta, firmados no referencial teórico de Mattos e Valério (2009) e de Windle et al. (2020), também tratamos da importância de um letramento transperiférico e crítico adaptado ao ensino de francês, orientação que, para além de uma pedagogia meramente estruturalista, indica a necessidade de emancipar o cidadão, preparando-o para atuar de forma crítica e solidária num mundo cujas diferentes formas de dominação não levam a outros caminhos senão os do individualismo, da exploração, da submissão e da acumulação econômica desenfreada por parte das frações dominantes da sociedade. Logo, uma proposta em favor de práticas que ofereçam instrumentos para a luta por direitos e por justiça social, e para o enfrentamento das desigualdades que se agravam pelas condições impostas pelo capitalismo e pelo neoliberalismo. O combate a modelos individualistas, também impostos por esses sistemas dominantes, integra igualmente a proposta das perspectivas críticas e transperiféricas que pleiteamos para a tese; orientações que visam à solidariedade, ao protagonismo e ao fortalecimento da coletividade, questões essenciais à reorganização e ao desenvolvimento das periféricas, sobretudo as do sul global.

CONFLITO DE INTERESSES

O autor não tem conflitos de interesses a declarar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 13. 415 de 16 de fevereiro de 2017 – Altera a Lei nº 9.394, passando a vigorar, dentre outras alterações, a oferta do ensino da língua inglesa como única língua obrigatória a partir do sexto ano do Ensino Fundamental e nos currículos do Ensino Médio, referente ao artigo 26 do parágrafo 5, [...] revoga a Lei n. 11.161[...]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm>. Acesso em: 29 jun. 2023.

BRASIL. Senado Federal. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96. Brasília, 1996. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2023.



- CALVET, Jean Louis. **As políticas linguísticas**. São Paulo: Parábola, 2007.
- COOPER, Robert Leon. **La planificación lingüística y el cambio social**. Cambridge University Press, 1997.
- DAHER, Del Carmen; PEREIRA, Telma; SAVEDRA, Mônica (orgs.). **O ensino plurilíngue na escola pública: desafios em tempos de globalização**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editorarte, 2020.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.
- GUESPIN, Louis; MARCELLESI, Jean Baptiste. Pour la glottopolitique. **Langages**, 21e année, n. 83, 1986.
- LAGARES, Xoán Carlos. **Qual Política Linguística? Desafios Glotopolíticos Contemporâneos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.
- MATTOS, Andréa Machado de Almeida; VALÉRIO, Kátia Modesto. **Letramentos crítico e ensino comunicativo: lacunas e interseções**. Belo Horizonte: RBLA, 2010.
- MÉSZARÓS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2008.
- RIBEIRO, Victor Augusto Menezes. *De super-normal à super-heróis: pedagogia de projetos e motivação discente*. In: DAHER, Del Carmen; PEREIRA, Telma; SAVEDRA, Mônica (orgs.). **O ensino plurilíngue na escola pública** [livro eletrônico]: desafios em tempos de globalização. 1. ed. Rio de Janeiro: Editorarte, 2020.
- SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: hip hop**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- SOUZA, Gilberto Ferreira de. **Desafios (tensões) e superações na implantação do projeto político-linguístico de ensino de francês para crianças no município de Niterói**. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem). Universidade Federal Fluminense, Niterói: 2019.
- SOUZA, Josué Santos de. O ensino de alemão na rede municipal do Rio de Janeiro: ações, desafios, descobertas e soluções. In: DAHER, Del Carmen; PEREIRA, Telma; SAVEDRA, Mônica (orgs.). **O ensino plurilíngue na escola pública** [livro eletrônico]: desafios em tempos de globalização. 1. ed. Rio de Janeiro: Editorarte, 2020.
- WINDLE, Joel Austin et al. Por um paradigma transperiférico: uma agenda para pesquisas socialmente engajadas. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, n. (59.2), p. 1563-1576, mai./ago. 2020.

